

JOSÉ CAMELO DE MELO



**A afilhada
do Padre
Cicero**



Preço Cr \$ 1,50

XX

— 2 —
José C. de Mélo

A afilhada do Padre Cicero.



*Um exemplo para os incrédulos
e um milagre para os que credi-
tam. O caso baseia-se num drama
de amor, onde vê-se a traição, a
falsidade e o orgulho, curvarem-
se diante da justiça e da inocên-
cia.*

Se no mundo inda houver
Quem tenha satisfação
De falar contra as virtudes
Do padre Cicero Romão;
Convem que leia esse caso
Para ver se tem razão.

No ano noventa e dois
Tendo vindo ao Joazeiro
Fazer uma romaria
Henrique Nunes Monteiro
Em dito lugar casou-se
Com a filha de um romeiro.

Nunes Monteiro, era filho
Do estado do Piauí
Mas, casando em Joazeiro
Como eu já fiz ver aqui
A pedido da mulher
Ficou residindo ali.



Porem, logo, antes dum ano
Sua mulher faleceu
Dando a luz a uma filha
Depois que muito sofreu
Ficando a criança viva
Que por um triz não morreu.

Henrique Nunes Monteiro
Depois de viuvo, então
Mandou batizar a filha
Com muita satisfação
Porque foi padrinho dela
O padre Cícero Romão.

Depois desses ocorridos
Nunes Monteiro, vendeu
O que tinha em Joazeiro
Porque viuvo, entendeu
Ir morar no Piauí
No lugar onde nasceu.

Chegando no Piauí
Antes dum mez embarcou
Para o estado Amazonas
Donde ainda não voltou
E na casa de seus pais
Sua filhinha deixou.

Essa menina em quem falo
Seu nome éra Judí
Ficando com seus avòs
Criou-se no Piauí
Depois de moça, se fez
Noiva dum rapaz dali.

Vou falar no tal rapaz
Pois é de necessidade
Esse que jurou de joelhos
A Judi grande amizade
Pedindo ela aos avós
Com quinze anos de idade.

Esse rapaz se chamava
Augusto Neves Barbosa
Filho dum capitalista
E de u'a mãe orgulhosa
Já por isto ele abraçava
Qualquer ação criminosa.

Augusto ainda menino
Fez-se grande sedutor
Jurando as moças que via
Lhes ter um sincero amor
Por isto muitas famílias
Lhe conservavam rancor.

E assim que ele se fez
Noivo de Judi Monteiro
Sua mãe muito orgulhosa
Pensando no seu dinheiro
Protestou-lhe o casamento
Com soberba e desespêro.

Vendo a mãe bastante irada
Augusto Barbosa, então
Chegou-se a Judi Monteiro
Fazendo uma exclamação
Dizendo que nela estava
Toda sua salvação.

Pois assim elle lhe disse:
— Judí, minha flor querida,
Mamãe não te quer por nora
Mas não fique constrangida
Que por Deus, promêto dá-te
A chave da minha vida.

Augusto; disse Judí:
Eu te peço por bondade
Que não deixes tua mãe
Perder a tua amizade
Podendo já me deixares
Gosar minha mocidade.

Se o casamento é um ato
De respeitada harmonia
Tú deverás buscar outra
Que tenha maior valia
Com que faças tua mãe
Ficar cheia de alegria.

Tua mãe fez obstáculos
Contra o nosso casamento
Eu também por minha vez
Faço firme juramento
De não querê-la por sogra
Sem menor constrangimento.

Augusto nisto puchou
Um revolver da cintura
E logo a pontou-o ao peito
Dizendo: moça perjura...
por tua causa eu irei
Repousar na sepultura.

E te peço quando vires
Meu corpo rolar no chão
Não lastimes minha morte
Deixa eu morrer como um cão
P'ra eu levar a lembrança
Dessa tua ingratidão.

Judí tomada de espanto
Gritou-lhe: Augusto, perdão!...
Não te mates por teu gosto...
Tem de te mais compaixão
Pois só tua mãe me fez
Eu fazer-te ingratidão.

Augusto lhe respondeu:
— Não é mamã quem me faz
Eu morrer por minhas mãos
Por ela eu ficava empaz
Mas, és tú que não consentes
Que meus dias durem mais.

Lhe tornou Judí, chorando:
— Mas' Augusto por bondade
Não digas que por meu gosto
Eu findei nossa amizade
Pois se tua mãe me manda
Eu cumpro a sua vontade.

Augusto lhe replicou:
— Se tú me quizesse bem
Te casarias comigo
Sem ouvires a niaguem
Mas, como nunca m'amaste
Toda razão te convem.

Nisto Judí respondeu-lhe
Chegando quase a tremer:
— Augusto por Deus te peço
Que não procures morrer
Pois se o meu amor te salva
Estou pronta a te valer.

— Sendo assim; lhe disse Augusto
Me salvarás do perigo:
Mas preciso que destines
Concordar o que te digo
Isto é um meio certo
Para casares comigo.

E' necessario que tenhas
Toda confiança em mim é
Pois preciso te levar
Hoje mesmo, e sendo assim
Toda questão de mamãe
Já sem geito terá fim.

Se queres vamos comigo
Que te garanto o respeito
E te botarei na casa
De um juiz de direito
E depois nossa união
Com certeza terá geito.

Logo Judí destinou-se
E fugiu no mesmo dia
E Augusto foi bota-la
Num sitio que possuia
Numa casa de fazenda
Só com ele em companhia;

Judí, coitada, se viu
Num êrmo ausente de gento
Poz-se a reprovar d'Augusto
O seu amor indecente
Mas depois viu-se perdida
Por ser bastante inocente.

Quando seus avós souberam
Aonde se achava ela
Disseram: não somos nada
De u'a moça sem capela
E nossa casa não cabe
Uma infeliz como aquela.

A mãe de Augusto também
Como uma fera bravia
Disse que com vida dela
Augusto não casaria
Com moça que não tivesse
Honra, virtude e valia.

Afinal Judí Monteiro
Com dois mezes de fugida
Teve robusta certeza
Que ficaria perdida
Se o amante lhe negasse
A sua mão prometida.

Portanto prostreu-se aos pés
De Augusto ajoelhada
Lhe dizendo: meu querido
Por Maria Imaculada
Venho pedir-te que cumpras
Tua palavra jurada.

Augusto lhe respondeu:

— Nunca casarás comigo

Porque mamãe já pediu-me

E eu não casó contigo

Para que não me tratasse

Como o maior inimigo?

Por ser bastante inocente.

Tú bem sabes que mamãe

E' uma senhora nobre e quando

E não consente qu'eu case

Com moça sem nome e pobreza

Porque quando vêes rica e

O seu orgulho descobres

Uma infeliz como aquella.

Mas como eu não quero ver

O teu grande desespero

Vou te arranjar um marido

O filho de um meu foreiro

Que se casará contigo

A mercê do meu dinheiro

Honra, virtude e valia.

Judi ouvindo este acordo

Todo corpo lhe tremeu

Apertando a mão de Augusto

Lhe disse oh! homem judeu

Me dize aonde se acha

A honra do nome teu?

A sua não promedia.

Agora que tú me deixas

Perdida no mau caminho

Procuras para teu bem

Esse projeto mesquinho

Porém irei me valer

Do bonzo do meu padrinho

Das palavras jureda.

Lhe disse Augusto sorrindo:

— Pois então minha querida

Desde já tu poderás

Começar tua partida

Visto que o teu bom padrinho

Dá honra a mulher perdida.

Já portanto deverás

Escutar o que te digo

Dize, pois, ao padre Cícero

Se me quizer como amigo

Ele arranje um cachaceiro

Para casar-se contigo.

Judi lhe largando a mão

Já não respondeu-lhe nada

E na noite desse dia

As quatro da madrugada

Com destino a Joazeiro

Caminhou por um estrada.

Chegando no Joazeiro

Sua roupa em desalinho

Assim mesmo apresentou-se

Na casa de seu padrinho

E foi por ele amparada

Com bondade e com carinho.

Contando a sua derrota

Ao padre desfeita em pranto;

Lhe disse o padre: criança

Convem que não chore tanto.

Qu'esse moço há de casar-se

Contigo, pois eu garanto.

E logo arranjou p'ra ela
Colocação num hotel
D'uma senhora viuva
Muito honesta e bem fiel
E Judí logo esqueceu-se
Do seu passado cruel.

Enquanto Judí gosava
Bôa vida em Joazeiro
Augusto poz-se a gastar
Do seu pai tanto dinheiro
O que lhe fez tanta raiva
Que morreu em desespero.

Tendo o marido morrido
A mãe de Augusto Barbosa
Com dois anos de viuva
Deixou de ser orgulhosa
Porque fez nela se ver
Uma falta vergonhosa.

Augusto tinha um amigo
Um sujeito desordeiro
Que desde muito criança
Se fez grande cachaceiro
Augusto gostava dele
Por lhe ser alcoviteiro.

A mãe de Augusto se vendo
Na maldita viuvez
Tomou paixões amorosas
Por esse dito freguez
De forma qu'essa amizade
Lhe trouxe uma gravidez.

Vendô-se assim nesse estado
Concordou ligeiramente
Dá a sua mão de esposa
Aquele tipo indecente
Mas, de sua gravidez
O mundo estava ciente

Augusto pelo desgosto
Que sua mãe lhe causou —
Começou a tomar porre
Atè que se viu
E quando quiz dominar-se
Já o vicio o dominou

Fez depois muitas promessas
Para deixar o seu vicio
Mais se não bebia um dia
Era grande o sacrificio
E logo com poucos dias
Começava o mesmo officio

Depois já muito abatido
Levado do desespero
Fez promessa em visitar
Ao padre do Joazeiro
E logo poz-se a caminho
Conduzindo algum dinheiro

Chegando no Joazeiro
Bebeu em muitas tavernas
Depois poz-se a passear
Mais si curvando as pernas
Deitou-se num acaçafuzo
Num das praças da cidade

Das portas do mesmo hotel
Aonde Judí morava
Se avistava ele caído
Que constante blasfêmia
E Judí lhe respondeu
Qu'ele em seu nome falava

Judí disse a um criado
— Me traga aquele rapaz
Pois é de boa família
Mas hoje bebeu demais
Portanto sem o trazer
É um favor que me faz

O criado de Judí
Era um rapazão robusto
Dotado de muita força
E não lhe foi muito custo
Está no hotel de volta
Trazendo consigo Augusto

Em menos de trez minutos
Augusto estava deitado
Num quarto daquele hotel
E Judí pelo criado
Mandou-lhe um caldo
Por ele bem preparado

Augusto tomando o caldo
Facilmente adormeceu
Acordando a meia noite
Gritou: aonde estou eu?
Quem foi esta autoridade
Que sem culpa me prendeu?

Mas lhe chegando a razão
Começou logo a chorar
Dizendo: oh! vicio maldito
Onde me queres levar?
Sou desgraçado e mereço
Constemente penar...

Ai Judi... pobre inocente!...
Quem me dera eu ver-te agora
P'ra ajoelhado aos teus pés
Te mostrar como se chora
E depois do teu perdão
Morresse eu na mesma hora.

Ai meu Deus! fui castigado
Por isso é bebo tanto
Mas se Judi estiver
Junto a este padre santo
Eu creio que ele consente
Qu'ela me enxugue meu pranto.

Judi qu'estava acordada
Ouviu-lhe a exclamação
E logo se levantou
Levando uma luz na mão
Entrou no quarto de Augusto
Com medonha agitação.

Lhe disse Augusto assustado:
— Senhora, o que faz aqui?
Virá talvez me dizer
Aonde mora Judi?
Se sabe me diga logo
Que com gosto eu pagaria si.

Mas Judí lhe disse: Augusto
Olha, eu sou Judí Monteiro
Que já não podendo ouvir
O teu grande desespero
Corri e vim ti provar
O meu amor verdadeiro.

Augusto dando um suspiro.
Inda meio embriagado
Cafu nos pés de Judí
Chorando desesperado
Gritando: perdão Judí!
Para um pobre desgraçado.

E Judí também chorando
O levantou com carinho
Dizendo: estás perdoado
Porem amanhã cedo
Quero que tú m'acompanhes
A casa do meu padrinho.

Augusto lhe prometeu
Com muita satisfação
E quando o dia rompeu
O padre Cícero Romão
Já viu ele em sua porta
Lhe pedindo confissão.

O padre lhe respondeu:
Oh! meu filho, entre e se assente
Junto com minha afilhada
Esta criança inocente
A quem você pretendia
Lhe dá um nome indecente.

Lhe disse Augusto: ob! meu padre
Quão desgraçado sou eu
Portanto que pedir-lhe
Perdão para o crime meu
Pois já não serei feliz
Se negar-me o perdão seu.

Lhe disse o padre: meu filho
De Deus serás perdoado
Todo tempo qu'eu achar
Um bebarrão refinado
P'ra casar-se com Judí
Pois recebí teu recado.

Augusto ouvindo a resposta
Caiu nos pés de Judí
Lhe dizendo: meu destino
Hoje depende de ti
Pois se não me perdoares
Eu juro findar-me aqui.

Logo Judí respondeu:
— Se nisto está tua vida
Podes ficar na certeza
Que terás vida comprida
Mas è preciso que cumpras
Tua jura prometida.

Lhe disse Augusto: eu promêto
A este padre presente
Te receber como espôsa
E te amar eternamente
Porque sem tua presença
Não pude viver contente.

Com oito dias depois
Celebrou-se o casamento
De Augusto e Judi Monteiro
Com grande acompanhamento
E fez-se em honra dos noivos
Um grande devotimento.

Depois das festas findadas
Sendo Augusto um fazendeiro
Tendo recebido as bênçãos
Do padre do Jozzeiro
Partiu para sua terra
Levando Judi Monteiro.

Então depois de casado
Augusto não bebeu mais
E tornou-se um bom esposo
De instintos liberais
E Judi não esqueceu-se
D'amparar seus velhos pais.

A mãe de Augusto se vendo
Humilhada e sem razão
Veio com muita alegria
Pedir a Judi perdão
Até hoje estão vivendo
Na mais completa união.